

Aleister Crowley e a contracultura

Vitor Cei Santos¹

RESUMO: O objetivo deste artigo é discutir a doutrina do Novo Aeon do poeta inglês Aleister Crowley, refletindo sobre sua constituição histórica, seus valores e conseqüências para a sociedade pós-moderna. O autor foi um escritor mítico e controverso, poeta da liberdade irrestrita e da vontade como máxima soberana, além de defensor do uso de sexo e drogas para fins mágicos. O seu discurso esotérico impulsionou trajetórias existenciais de grande força contestatória, tornando-o guru dos movimentos contraculturais das décadas de 1960 e 1970.

Palavras-chave: Aeon; Contracultura; Pós-modernismo.

Aleister Crowley (1875 -1947), mago, poeta e escritor ocultista inglês, foi um dos principais ícones da contracultura. A sua doutrina do Novo Aeon, indo ao encontro da necessidade de contestação dos rebeldes, ganhou força nos movimentos contraculturais da década de 1960 que anunciavam a era astrológica de Aquário, que os jovens tentavam materializar em comunidades alternativas e pela qual tanto ansiavam.

Segundo o ocultista Lon Milo DuQuette (2007), Crowley, em 1904, durante sua viagem de lua-de-mel ao Cairo, no Egito, teria psicografado o famoso “Livro da Lei”, *Liber AL vel Legis* (CROWLEY, 2007), da entidade espiritual autodenominada Aiwass, um mensageiro dos deuses e santo-anjo guardião do mago. A data em que a obra teria sido ditada corresponderia ao advento do Novo Aeon.

O que é isto – o Novo Aeon? Aeon é uma palavra latina que apresenta os sentidos de era, tempo, geração ou eternidade. Sua origem etimológica é a palavra *Aion*, um dos conceitos gregos de tempo. De acordo com Isidro Pereira (1998), a palavra se reveste de diversos

¹ Mestrando em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

sentidos: tempo, duração da vida, vida, eternidade, idade, geração e século. O conceito pode se referir tanto ao período que a pessoa já viveu, quanto ao período que ainda viverá. Pode significar, ainda, tanto o passado obscuro e distante quanto o futuro longínquo.

DuQuette (2007) explica que cada Aeon é caracterizado por uma fórmula mágica, que consiste no enunciado de como os fatos e as teorias cosmológicas são percebidos, podendo tomar a forma de axiomas ou conjuntos de símbolos que aumentariam a capacidade dos indivíduos de perceberem a si mesmos e ao universo.

Crowley reconhecia nos deuses egípcios Ísis, Osíris e Hórus (mãe, pai e filho) as fórmulas mágicas características das três últimas eras. O Aeon de Ísis, a fórmula da Grande Deusa, teria começado aproximadamente em 2400 a.C., data que também marcaria o começo da era astrológica de Áries. O período seria marcado pelo matriarcalismo, em que a natureza era percebida como um processo contínuo de crescimento espontâneo e as mulheres eram vistas como fontes da vida.

O Aeon de Osíris marcou o fim do matriarcalismo e o início do patriarcalismo. Quando se tornou conhecido que sem o sêmem do homem a mulher permaneceria estéril, aconteceu uma revolução na consciência de gênero e organização social: a Grande Deusa assumiu o lugar de esposa do Deus Pai. A fórmula patriarcal osiriana se cristalizou como o mito central de incontáveis culturas e civilizações, continuando a dominar até hoje a vida espiritual e sociocultural da maior parte da humanidade.

Na primeira metade do século XX, as forças de Osíris promoveram uma aliança entre a razão instrumental e o mercado mundial em crescente expansão, destruindo quase todas as barreiras morais existentes, gerando duas barbáries de impacto planetário: a I e a II Guerras Mundiais. Dois locais que testemunharam catástrofes, um polonês e outro japonês, simbolizam o terror da época: o campo de concentração de Auschwitz e a cidade de Hiroshima, o holocausto e a bomba atômica.

As guerras e os eventos-limite decorrentes mostraram que a interpenetração de progresso e barbárie foi uma das principais características do Velho Aeon, pondo em cheque o seu projeto capitalista, racionalista e autoritário. A Razão, que pretendia abolir o irracional, tornou-se ela mesma uma irracionalidade opressora e destrutiva.

No período pós-guerra, uma nova racionalidade se manifestou a partir da influência do Aeon de Hórus, a fórmula mágica da criança coroada e conquistadora que reconcilia e transcende a fórmula dos dois períodos que o antecederam. Como reações à tradição, diversas transformações afetaram as sociedades, as religiões, as ciências, a literatura, as artes e a filosofia.

O mundo pós-guerra, globalizado, contemporâneo, passou a ser chamado de pós-moderno. Umbilicalmente ligada à modernidade, a pós-modernidade ganha expressão própria se posicionando contra os velhos valores. Desde então, começa uma reação contra as conseqüências nefastas do projeto osiriano. Nesse sentido, importante destacar que a pós-modernidade se caracteriza muito mais por uma reação do que realmente por um movimento com propostas inéditas e efetivas. Nas palavras de Fredric Jameson:

[...] dotar a cultura pós-moderna de qualquer originalidade histórica equivale a afirmar, implicitamente, que há uma diferença estrutural entre o que se chama, muitas vezes, de sociedade de consumo e momentos anteriores do capitalismo de que esta emergiu (JAMESON, 2002, p. 80).

O pós-modernismo, segundo Jameson (2002), é a dominante cultural do capitalismo tardio, que permite a presença e a coexistência de traços diferentes, heterogêneos, plurais e muitas vezes contraditórios. Ambivalente, a pós-modernidade possui ao mesmo tempo características progressivas e reacionárias. Por conseguinte, importante destacar que os Aeons, apesar de marcados por uma cosmovisão predominante, não são períodos estanques. Ou seja, o iniciar de uma era não significa o fim das anteriores e sim sua perda de influência. Dessa forma ainda se encontram os velhos valores no decorrer do tempo.

A partir dessa tensão entre o velho e o novo, desde o século XX vem acontecendo um combate entre as forças dos Aeons de Osíris e Hórus, o pai autoritário contra o filho rebelde. Tal embate tem como marco os movimentos contraculturais das décadas de 1960 e 1970, que buscaram suplantam os valores dominantes. Segundo Krishan Kumar (1997), a contracultura adotou entusiasticamente a bandeira do pós-modernismo.

Jean-François Lyotard (2002) ensina que, na condição pós-moderna, o tripé das autoridades modernas – Pai, Ciência e Ética – perde legitimidade. O *pater*, autoridade na família e no Estado, é destronado, revalorizando-se o individualismo. A ciência passa a

dividir seu espaço com o esoterismo. Há o retorno de práticas que, por não se conformarem aos critérios científicos, a modernidade reprimiu, desqualificou e rotulou de irracionais: magia, tarô, vidência, astrologia, dentre outras presentes na obra de Crowley.

A Ética, por sua vez, foi substituída pelo pluralismo normativo, com o decorrente enaltecimento de um indivíduo fragmentado, descentrado, disposto a afirmar sua singularidade contra o rigor de todas as opressões: “Não existe lei além de Faze o que tu queres”, sentenciou o mago (CROWLEY, 2007, p. 32).

É dentro da perspectiva apontada acima, indica Fredric Jameson (2002), que os impulsos utópicos contraculturais não se unificaram, mas produziram uma descentralização global, com a institucionalização em pequenos grupos que gerou uma série relevante de movimentos micropolíticos independentes, cujos denominadores comuns são diferentes formas alternativas de vida, anticapitalistas e contraculturais.

Eduardo F. Coutinho (2005) acrescenta que nos EUA, onde tais movimentos tiveram início, com a assunção de protestos das minorias, não havia mais lugar para os discursos hegemônicos dos *white anglo-american protestant man*. A todo momento surgiam – e isso ainda acontece, no Brasil e no mundo – novos movimentos sociais independentes a desafiar as formas estabelecidas de sociedade e cultura com a intenção de produzirem novas contraculturas e formas alternativas de vida.

Nesse contexto, a formação de grupos e ordens iniciáticas, esotéricas, era uma forma comum de reunir pessoas com idéias transgressoras. As comunidades alternativas, influenciadas pela obra de Crowley e divulgadas por ícones contraculturais como Raul Seixas (Sociedade Alternativa) e John Lennon (*New Utopian*), estariam integradas a um circuito em interação com outros circuitos (políticos, religiosos, esotéricos, terapêuticos e ecológicos), compondo uma rede de adeptos cuja proposta é pensar globalmente e agir localmente.

O movimento contracultural, globalizado, com adeptos em todo o planeta, defenderia a preparação espiritual para o ingresso na nova era, mais conhecida como Era de Aquário. Contra as atitudes beligerantes do sistema dominante, pacifismo e utopia mística. A canção “Aquarius”, do filme *Hair* (1979), é emblemática:

Quando a lua estiver na sétima casa
E Júpiter alinhar-se com Marte
Então a paz guiará os planetas
E o amor conduzirá as estrelas

Esta é a aurora da Era de Aquário
Era de Aquário
Aquário
Aquário

Harmonia e compreensão
Solidariedade e confiança em fartura
Sem mais falsidades ou zombarias
Vívidos e dourados sonhos de visões
Revelação do cristal místico
E a legítima libertação da mente
Aquário
Aquário

A canção fundamenta-se em conhecimentos de astrologia. Duquette (2007) explica que o grande ano astrológico dura aproximadamente 26 mil anos e é dividido em 12 eras de cerca de 2.166 anos, cada uma correspondendo a um dos doze signos do zodíaco. Nesse sentido, a Era de Aquário é a sucessora da Era de Peixes, que foi antecedida pela de Áries e assim por diante.

Na procura de uma nova forma de pensar o mundo, a Era de Aquário tornava-se uma perspectiva capaz de romper com a razão instrumental característica tanto da direita quanto da esquerda. Longe de ser uma simples alienação naqueles anos conturbados, a contracultura foi um movimento intempestivo e marginal que transgredia as normas sociais e políticas então vigentes.

A contracultura, adepta da doutrina da nova era, se apresenta como alternativa que procura corresponder às necessidades para as quais as instituições tradicionais se manifestaram incapazes. Rejeitando a modernidade e os valores da cultura ocidental, o movimento contracultural celebra os valores femininos e resgata antigas religiões e crenças, na maioria das vezes de maneira descompromissada com as bases das mesmas. Nas palavras da socióloga Leila Albuquerque:

A aproximação do fim do milênio estimulou a expectativa do advento de uma Nova Era, regida pelo signo de Aquário. Ancorada na Astrologia, que aos poucos vai ganhando mais espaço no espectro de fontes inspiradoras da cultura alternativa, a Nova Era espera a realização de todas

as integrações de que o presente se ressente: dos homens entre si, do homem no cosmo, do homem com a natureza, de todos os povos, de todos os saberes, de todas as ciências, de todas as religiões (ALBUQUERQUE, 2001, p. 120).

Os aquarianos, imbuídos do espírito rebelde, lúdico e libertino dos inconformados daquele tempo, negam qualquer autoridade, reconhecendo apenas a soberania espiritual de sua própria experiência interior. Assim, buscam a chave das correspondências entre todos os elementos do universo de modo que cada indivíduo possa estar em perfeita harmonia com os outros seres humanos e com o cosmos.

Nesse sentido, a doutrina de Crowley tem afinidade com a religiosidade aquariana. O escritor inglês foi um poeta da liberdade irrestrita e da vontade como máxima soberana, além de defensor do uso de sexo e drogas para fins mágicos. Foi partidário de um individualismo extremista, apregoando a autonomia individual na busca de liberdade e satisfação das inclinações naturais, em detrimento da hegemonia da coletividade massificada e despersonalizada. Sua magia condena todas as formas de poder e autoridade que restrinjam a soberania e a liberdade absoluta do indivíduo.

A doutrina individualista do poeta pode ser resumida na máxima “Faze o que tu queres deverá ser o todo da Lei!” (CROWLEY, 2007, p. 6). Esta é a Lei de Thelema, palavra grega que pode ser traduzida por vontade ou desejo. Etimologicamente, aproxima-se de *theós*, o divino, e de *thélgo*, “encantar magicamente” (PEREIRA, 1998, p. 263). Para a doutrina thelemita, a sua máxima, longe de ser apenas um bordão, consiste na fórmula mágica do Novo Aeon.

A Lei de Thelema não deve ser interpretada como uma licença para a realização de qualquer capricho individual, mas sim como uma missão divina de se encontrar sua verdadeira vontade, o propósito da vida de cada um, permitindo que todos possam percorrer seu autêntico caminho individual. A compreensão e aceitação da Lei de Thelema é o que define um thelemita, que tem na descoberta de sua verdadeira vontade sua maior motivação. O *Liber Oz* (CROWLEY, 2009) é um manifesto que resume os preceitos da Lei de Thelema e serve como declaração thelêmica dos direitos da humanidade no Novo Aeon:

- "A Lei do Forte: Essa é a nossa lei e a alegria do mundo." (AL 2.21)
"Faze o que queres, há de ser tudo da Lei." (AL 1.40)
"Não tens direito fora fazer o que queres. Faz isto, e ninguém dirá não." (AL 1.42-3)
"Todo homem e toda mulher é uma estrela." (AL 1.3)
NÃO HÁ DEUS ALÉM DO HOMEM
1- O homem tem o direito de viver pela sua própria lei
de viver da maneira que ele quiser;
de trabalhar como ele quiser;
de brincar como ele quiser;
de descansar como ele quiser;
de morrer quando e como ele quiser.
2- O homem tem o direito de comer o que ele quiser
de beber o que ele quiser;
de se abrigar onde quiser;
de se mover como queira na face da Terra.
3- O homem tem o direito de pensar o que ele quiser
de falar o que ele quiser;
de escrever o que ele quiser;
de desenhar, pintar, esculpir, gravar, moldar, construir como ele quiser;
de vestir-se como quiser.
4- O homem tem o direito de amar como ele quiser
"Pegai vosso quinhão e vontade de amor como vós quiserdes, quando, onde e com quem
quiserdes." (AL 1.51)
5- O homem tem o direito de matar aqueles que possam frustrar esses direitos
"Os escravos servirão." (AL 2.58)
"Amor é a lei, amor sob vontade." (AL 1.57).

Crowley anuncia uma era de liberdade irrestrita para o ser humano. Homens e mulheres, alcançando a sua harmonia com o próprio Universo, estariam capacitados a assumir seu *status* divino e realizar as suas verdadeiras vontades. Em vez de esperar que um poder transcendente justifique o mundo, o homem tem de dar sentido à própria vida. A vontade de toda pessoa já estaria em perfeita harmonia com a vontade divina, constituindo uma única e mesma vontade. Assim, a única fonte de orientação espiritual confiável em todo o universo seríamos nós mesmos. O indivíduo, não Deus, passa a ser o centro do Universo, declara o mago: "Eu estou só: não existe Deus onde eu sou" (CROWLEY, 2007, p. 15).

Os thelemitas buscam um caminho individual, anárquico, fazendo uso de simbologias singulares. Se "todo homem e toda mulher é uma estrela" (CROWLEY, 2007, p. 2), cada um deve exercer sua autêntica vontade, encontrando sua própria órbita. Com o livre desenvolvimento de cada um sendo a condição do livre desenvolvimento de todos, os astros farão sua trajetória uns em torno dos outros.

Em contrapartida, os “escravos”, isto é, os resignados, impotentes, esperam que um poder exterior (seja Deus ou o Estado) justifique o mundo, obedecendo às vontades alheias em detrimento de suas vontades individuais. Assim, permanecem sem questionar os valores e costumes tradicionais, submetendo-se servilmente às autoridades e instituições estabelecidas.

A Lei de Thelema emerge da crença na inutilidade das lutas no campo político-institucional, pois redundariam sempre em alguma forma de opressão ao indivíduo. A transformação social viável para resolver os problemas do homem dentro da sociedade só poderia ser alcançada na medida em que cada um pense por si próprio, suprimindo todas as formas de autoridade estabelecidas, tendo em vista a realização dos desejos individuais. Nesse sentido, uma possível revolução contracultural seria fruto da organização coletiva das vontades individuais.

A obra de Aleister Crowley é reveladora do discurso contracultural, em que loucura e drogas, urbanidade e ecologia, paranóia e violência, religião e ocultismo, amor e ódio, foram o pano de fundo de uma experiência múltipla e contraditória. Com seu discurso do corpo, da festa, da droga e da busca de novas formas de percepção, a contracultura impulsionou trajetórias existenciais de grande força contestatória. A idéia de estar entrando em uma nova era, com todo o misticismo que isso agrega, representou a possibilidade de escapar à racionalidade violenta e sufocante do mundo em que vivemos.

ABSTRACT: The main objective of this article is discussing Crowley's doctrine of the New Aeon, thinking about its historical constitution, its values and consequences to the postmodernism. The occultist was a mythical and controversial writer, poet of the unrestricted freedom and of the will as a maxim sovereign, besides being a defender of the use of sex and drugs to magical purposes. His esoteric discourse stimulated existential trajectories of great refutable power, making him the counterculture guru.

Keywords: Aeon; Counterculture; Postmodernism.

Referências

- ALBUQUERQUE, L.M.B. de. Oriente: fonte de uma geografia imaginária. Revista de Estudos da Religião, PUC-SP, v. 1, n. 3, p. 114-125, mai/set. 2001. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/rever>>. Acesso em: 18 abr. 2009.
- COUTINHO, E.F. Revisitando o pós-moderno. In: GUINSBURG, J; BARBOSA, A.M. (Org.). O pós-modernismo. São Paulo: Perspectiva, 2005. p.159-172.
- CROWLEY, A.. Liber AL vel Legis. Trad. M.A. Seabra. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br>>. Acesso em: 6 abr. 2007.
- _____. Liber Oz. Disponível em: <<http://www.ordotempliorientisbrasil.org>>. Acesso em: 4 jan. 2009.
- DUQUETTE, L.M. A Magia de Aleister Crowley: um manual dos rituais de thelema. Trad. C. Raposo. São Paulo: Madras, 2007.
- HAIR. Direção: Milos Forman. [S.l.]: Metro Goldwyn-Mayer Studios, 1979. 1 DVD.
- JAMESON, F. Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio. Trad. M.E. Cevasco. São Paulo: Ática, 2002.
- KUMAR, K. Da sociedade pós-industrial à pós-moderna: novas teorias sobre o mundo contemporâneo. Trad. R. Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- LYOTARD, J.-F. A condição pós-moderna. Trad. R.C. Barbosa. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.
- PEREIRA, I. Dicionário grego-português e português grego. Braga: Apostolado da Imprensa, 1998.